

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

2002 em 2022

Na entrevista à CNN, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva ajustou o discurso àquele tom que lhe deu a vitória, há 20 anos, sobre o tucano José Serra: “Se terminar o governo com cada brasileiro tomando café da manhã, almoço e jantar, estarei feliz. Vou ganhar as eleições”, disse o petista, tal e qual repetia naquela primeira eleição da qual saiu vencedor.

Por falar em vitória de Lula...

Simpatizantes do ex-presidente já fazem apostas sobre como será a relação de Lula com a parte do Centrão, hoje fechada com Bolsonaro — PL, PP e Republicanos. A impressão é de que ele fará uma “pescaria” ali para formar maioria. Afinal, dizem os políticos que conhecem o traçado, se Lula tentar levar o Centrão em bloco, repetirá o erro do passado.

... as apostas estão a mil por hora

Os aliados já vislumbram, inclusive, a disputa para a Presidência da Câmara. As apostas são de que, eleito, Lula não apoiará a reeleição de Lira.

Deu ruim

Nem o fato de ter a maioria dos ministros do Poder Executivo na posse de Rosa Weber na Presidência do STF fez com que as redes sociais dessem uma trégua ao presidente Jair Bolsonaro (PL). Ali, prevaleceu o discurso de que o presidente não gosta de prestigiar as mulheres e nem as instituições.

Rosa e os recados do STF

A posse da ministra Rosa Weber na Presidência do Supremo Tribunal Federal (STF) foi uma saraivada de recados àqueles que atacam a Suprema Corte acima do tom da liberdade de expressão ou que cogitam medidas drásticas em caso de resultado eleitoral desfavorável. Em todos os discursos, lembranças sobre o papel do Supremo como guardião da Constituição e da democracia.

A plateia também não deixou de pinçar, com aplausos efusivos, pelo menos 12 momentos da fala da nova presidente do STF, em especial nas menções ao processo eleitoral, sob o “comando firme do ministro

Alexandre de Moraes no Tribunal Superior Eleitoral”, à “autonomia e independência do STF, que se sobrepõem aos indivíduos e autoridades”, e aos poderes constituídos — “sem Poder Judiciário livre e forte, independência entre os Poderes e imprensa livre não há democracia”.

Os aplausos entusiasmados partiram também dos presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), e dos militares presentes. Sinal de que não há espaço para tentar dar uma rasteira no processo de eleitoral em curso. Seja quem for o vencedor, governará.



Nos bastidores do governo, há a preocupação de que Bolsonaro fique isolado em Londres, durante a cerimônia do funeral de Elizabeth II. Imagens disso poderiam dar munição para a campanha de Lula

Uma viagem com riscos à vista

A viagem do presidente Jair Bolsonaro (PL) a Londres, para o funeral da rainha Elizabeth II, está sendo vista por setores do governo como uma manobra arriscada. Apesar de o objetivo da ida à cerimônia seja, como se comenta nos bastidores do governo, o de demonstrar prestígio internacional — além de reunir imagens para serem usadas durante a campanha —, a preocupação é de que Bolsonaro fique isolado entre os chefes de Estado e de governo que estarão presentes.

Interlocutores do governo reconhecem que dificilmente o presidente será recebido na capital da Inglaterra com alguma deferência — estará incluído no protocolo que os britânicos dispensarão a todos os representantes dos países. Há ainda o temor de que, durante a cerimônia na Abadia de Westminster, ele seja colocado em uma posição de pouco destaque ou que circulem imagens nas quais os demais chefes de Estado e de governo lhe sejam indiferentes.

Tais fatores poderiam ser aproveitados pela campanha eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva (PT),

seu principal adversário na disputa pelo Palácio do Planalto — e a poucos dias do primeiro turno das eleições gerais. Isso daria mais munição ao petista, que frequentemente ataca a política externa de Bolsonaro e o acusa de levar o Brasil a uma posição de irrelevância no cenário internacional.

Ontem, em Brasília, o presidente deu um primeiro passo na busca de prestígio junto ao governo britânico: compareceu à embaixada do Reino Unido, em Brasília, para assinar o livro de condolências pela morte de Elizabeth II. Estava acompanhado da primeira-dama, Michelle Bolsonaro, e do chanceler Carlos Franca, e ficou aproximadamente cinco minutos na representação. Quando da morte da monarca, decretou luto oficial de três dias e disse, por meio de nota, que ela foi “uma rainha para todos nós”.

Nações Unidas

De Londres, Bolsonaro viaja para Nova York, onde participa da abertura da 77ª Assembleia Geral das Nações Unidas — em 20 de setembro. O discurso do presidente

brasileiro tradicionalmente abre a conferência.

Para o evento, a expectativa é de que Bolsonaro se dirija, mesmo numa tribuna internacional, para seu próprio público, a fim de que as imagens e a exposição sejam divulgadas pelas redes sociais bolsonaristas e usadas pela campanha. Assim, é esperado que os temas do discurso sejam aqueles que ele sempre repisa quando nos palanques: críticas a uma suposta ameaça comunista a que o país esteve sujeito durante os governos do PT — e que desponta no horizonte sul-americano com as recentes eleições de governos de esquerda no Chile, na Bolívia e na Colômbia; a pujança das exportações do agronegócio brasileiro — com ênfase para o conceito de “celeiro do mundo” que vem desde o regime militar; a cobiça da Amazônia pelas principais potências mundiais e os esforços do atual governo para contê-la; além de questões relacionadas aos costumes — como aborto, rejeição da formação de famílias homoafetivas, educação conservadora e acusação à esquerda de ser favorável à liberação das drogas.

Cleber Caetano/PR



Bolsonaro e a primeira-dama foram à embaixada britânica assinar o livro de condolências pela morte da rainha

“Aloprei”, diz presidente sobre não ser “coveiro”

O presidente Jair Bolsonaro (PL) admitiu, ontem, que “aloprou” e “perdeu a linha” na pandemia de covid-19 quando disse que não era “coveiro” ao ser questionado sobre o número de brasileiros mortos pela doença. Em entrevista a um podcast para jovens cristãos, contudo, o candidato à reeleição voltou a defender o tratamento precoce com cloroquina — comprovadamente ineficaz contra o novo coronavírus.

“Dei uma aloprada, sim. Perdi a

linha”, justificou-se Bolsonaro. “Eu sou o chefe da nação, sei disso. Lamento o que eu falei, não falaria de novo. Você pode ver que, de um ano para cá, meu comportamento mudou. Minha cadeira é um aprendizado”, emendou, ao responder o questionamento de um dos entrevistadores, cujo sogro morreu de covid-19.

Apesar de reconhecer que algumas frases que proferiu foram inadequadas, Bolsonaro voltou a

usar o fato de ter melhorado da covid-19 para defender remédios ineficazes. “Eu tive covid, estou no grupo de risco. Eu sou idoso já, estou com 67 anos. E eu tomei o remédio. Não vou falar o nome aqui. E no dia seguinte estava bom”, explicou. Quando foi infectado, em 2020, o presidente disse que havia tomado hidroxicloroquina.

Em vários momentos, Bolsonaro fez defesa do medicamento, como em algumas lives e de

eventos públicos dos quais participou, nos quais exibiu a embalagem na qual a cloroquina é vendida nas farmácias. Chegou até mesmo a ser fotografado oferecendo cloroquina para uma das emas do Palácio da Alvorada.

“Eu acredito que com o que eu fiz, divulgando o tratamento precoce, que muita gente, milhões de pessoas dizem que se salvaram graças a isso, porque eu tive coragem de mostrar que tinha uma

alternativa que poderia ser realmente boa”, disse o presidente, na contramão da comunidade médica e científica.

Bolsonaro também voltou a afirmar que usou uma “figura de linguagem” quando disse que quem tomasse a vacina contra a covid-19 poderia “virar jacaré” e, mais uma vez, negou que tenha imitado pessoas com falta de ar. “Se pegar a imagem, eu não estou zombando de ninguém”, disse.



“Dei uma aloprada, sim. Perdi a linha. Eu sou o chefe da nação, sei disso. Lamento o que eu falei, não falaria de novo.

Presidente Jair Bolsonaro, dizendo-se arrependido por ter dito, quando indagado na pandemia sobre os mortos pela covid, que não era coveiro

Minervino Junior/CS/OA Press